

A Economia da Província da Bahia na Segunda Metade do Século XIX

*Luis Henrique Dias Tavares
Professor Titular de História do Brasil
Universidade Federal da Bahia*

1. A economia da Província da Bahia não se diferenciava da economia brasileira da segunda metade do século passado. Era, igualmente, uma economia de exportação de produtos primários. Ademais, como a do Brasil, era uma economia dependente.

Em ordem de importância, a Província da Bahia produzia e exportava: açúcar, fumo, diamantes, café, couros, aguardente, cacau e algodão. Nos anos sessenta, algodão, antes do cacau. Dos anos sessenta em diante, charutos de fabricação artesanal, da cidade de Cachoeira e das vilas de São Félix e Maragogipe. Em 1860, dizia o Presidente Herculano Ferreira Penna: "esta indústria caminha cada dia mais animada"¹.

Em importância menor, quantidades e valores, estavam: arroz, cabelos e crinas, chifres, coquilhos, farinha de mandioca, farinha de araruta, ouro em pó, ossos, piassava, prata em barra e pinha, etc.

A marca que se destaca nessa economia é a sua adaptação às novas exigências e compulsões da economia internacional dominante - o capitalismo industrial na fase da exportação de capitais - e sempre no sentido de maior dependência, de maior subordinação. Mesmo que apareça ágil a partir dos anos trinta do século XIX, o cacau é apenas mais um desses

produtos acrescentados a uma pauta de exportação na qual os produtos mais tradicionais tendiam ao declínio. Em verdade, como está nos números dos exercícios fiscais de 1857 a 1865 (Quadro I), aqui tomados como amostra, o açúcar e o fumo ainda permanecem como os grandes produtos, muito embora haja acentuada oscilação das quantidades e dos valores, reflexo de uma situação tornada trágica com a queda da produção e as retrações de compra e de preço do mercado externo.

Veja-se o quadro:

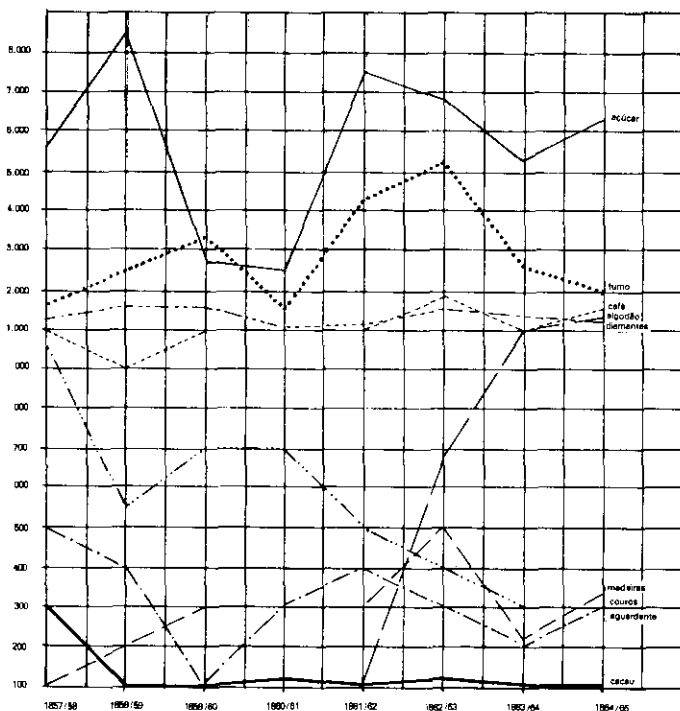
I. 1857/1865. Exportação da Província da Bahia (Valor em Mil Contos)

Anos	Açúcar	Fumo	Dia mantes	Café	Couros	Aguar denre	Madeirasas	Cacau	Algodão
1857/58	5.879:	1.899:	1.359:	1.191:	965:	589:	185:	308:	149:
1858/59	8.785:	2.420:	1.536:	933:	565:	419:	247:	127:	67:
1859/60	2.880:	3.345:	1.596:	1.001:	727:	130:	369:	168:	70:
1860/61	2.697	1.538:	1.265:	1.011:	752:	328:	349:	204:	9:
1861/62	7.712:	4.398:	1.356:	1.126:	595:	479:	522:	176:	179:
1862/63	6.934:	5.372:	1.647:	1.762:	433:	387:	342:	209:	729:
1863/64	5.378:	2.778:	1.476:	1.196:	304:	294:	204:	175:	1.054:
1864/65	6.316:	2.060:	1.381:	1.614:	356:	372:	237:	173:	1.303:

Fonte: Relatórios e Falas dos Presidentes da Província da Bahia. (2)

Observa-se melhor no gráfico abaixo, no qual não será difícil destacar os produtos de comportamento oscilante (açúcar, fumo, couros, madeiras, aguardente e algodão) de outros que se apresentavam em linhas quase horizontais, a saber: café, diamantes e cacau. Parecerá extraordinária a ascensão do algodão, mas não deve haver engano, pois a Bahia não era, nem seria depois, uma grande produtora de algodão.

EXPORTAÇÃO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS DA PROVÍNCIA DA BAHIA
(1857-1885)



2. Verifica-se o quanto essa economia estava doente, examinando a chamada crise de 1873, uma crise de produção e comercialização, no dizer de um político da época, o Presidente Cruz Machado³, ou um "episódio da descapitalização da Bahia", na caracterização de Thales de Azevedo e Quintela Lins (4). Em 1873, o déficit da balança comercial foi da ordem de 4.759:580\$ 415.

Cruz Machado alinhou vários motivos para a crise com que se deparava naqueles meses de sua Presidência na Bahia. Declarando que a produção fora "mesquinha" e que o preço do açúcar se apresentara "desanimador", explicava a queda da produção do açúcar como resultado do desequilíbrio das estações - grandes chuvas ou seca inclemente - da insuficiência de recursos, da má qualidade do açúcar produzido e da oscilação do mercado comprador. A questão das relações de trabalho - o

trabalho escravo ainda dominante coexistindo com o trabalho assalariado e com as formas de parceria, meiação, terça e dias de trabalho não remunerado - aparecia como "enfraquecimento dos meios de trabalho" (5), uma revelação que não deve ser entendida como falta de mão-de-obra, suposição mais corrente, mas como indicativo das dificuldades reais para a manutenção do trabalho escravo. Já então se calculava que somente "40.000 escravos trabalham seriamente em todos os ramos da cultura" (6).

Nesses anos 70 do século passado, a Província da Bahia tinha mil e dez (1.010) engenhos, todos moendo à força hidráulica ou de tração animal, e cozendo "a fogo nú". Eram raros os de vapor d'água, por causa do alto custo de instalação e manutenção. E estava longe o entusiasmo com a iniciativa de Pedro Antonio Cardoso, que instalara a primeira máquina a vapor na Bahia no seu engenho de Ingá-Assú, ou a perplexidade com a audácia empresarial de Francisco Gonçalves Martins, que se arruinara na tentativa de transformar o seu Engenho São Lourenço em moderno Engenho Central. Com os exemplos dos fracassos, o Barão de Sergimirim notava que os proprietários "temiam o sistema de cozinhar a vapor" (7).

Seguindo o exemplo do Governo Imperial (Lei 2689, de janeiro 6, 1875) ao final dos anos setenta (Lei de julho, 30, 1879) o governo da Província da Bahia tomou a responsabilidade da construção de seis engenhos Centrais, o primeiro dos quais, o Engenho Central da freguesia de Bom Jardim, denominado Bom Sucesso, foi inaugurado em janeiro de 1880 (8). Colocava-se, então, a primeira pedra do Engenho Central de Pojuca, descrito como "imponente", pois teria dois jogos de moendas movidas por máquina a vapor de 85HP., e moeria 250 toneladas de cana por dia. Em Londres, formou-se em 1881 a Bahia Central Sugar Factories Limited, que logo obteve concessões para construir engenhos centrais em Iguaçu e Rio Fundo.

Anos depois (1892), escrevendo sobre a agricultura na Bahia, um entusiasta do destino agrário do Brasil e ardente defensor da grande propriedade, João Carlos Greenhalgh (9), observava que os engenhos da Central Sugar só viviam pelo auxílio do Estado. Essa observação estaria mais completa se acrescentasse que a oligarquia baiana, e as firmas, companhias ou comerciantes estrangeiros, sempre transferiam para o Estado o ônus dos "aperfeiçoamentos". Eis aí um item que também serve para destacar o peso decisivo dos grandes proprietários de terras e engenhos de açúcar, associados aos comerciantes exportadores, na política econômica e financeira da Província, por isso mesmo sempre feita e amoldada aos seus interesses.

Reveja-se o nosso gráfico. Lá está: o café é o produto de exportação em ascensão, inclusive em preço no mercado internacional. Contudo, os grandes compromissos da Província (do Estado) são com o açúcar, em nome de quem foram assinados com a Cia. Fives-Lille os contratos de construção de engenhos centrais - contratos que legaram dívidas asfixiantes para os governos da República pagarem. Foi também para atender o açúcar, nessa segunda metade do século XIX, que a Província da Bahia aceitou os pesados encargos de linhas férreas desastrosas, a exemplo da Estrada de

Ferro de Santo Amaro, que devorou recursos, anos e anos, para a sua construção, e que foi permanentemente deficitária.

A ocasião do cacau baiano não é a segunda metade do século 19. Será, todavia, o início do vinte, acentuando-se sua estabilidade nos anos dez e vinte do nosso século. É a tendência que já se verifica no quadro abaixo:

II. 1889/1902. Exportação do cacau baiano

Anos	Quantidades(Klg.)	Valor Oficial
1889	5.253.233	1.136:630\$
1890	5.502.578	1.429:582\$
1891	5.102.323	2.987:701\$
1892	3.276.550	2.474:470\$
1893	6.490.145	5.592:382\$
1894	5.866.261	5.200:110\$
1895	6.732.469	4.388:604\$
1896	8.083.712	5.999:296\$
1897	7.784.450	7.967:262\$
1898	9.087.070	13.973:179\$
1899	19.066.869	13.015:795\$
1900	12.131.431	15.913:966\$
1901	13.324.765	12.151:906\$
1902	16.294.138	13.074:366\$

Fonte: Vieira, Severino. Mensagem...(10)

3. Possuindo essa economia de exportação de produtos primários, a Província da Bahia continuou importando os artigos manufaturados de que necessitava ou para os quais fora condicionada. Já se disse que na competição do pote de ferro com o pote de barro, sabe-se logo qual o pote que sairá quebrado...

A Bahia importava tecidos de algodão, de lã, de linho, e de seda; carnes; vinhos; carvão de pedra; farinha de trigo; ferragens; moedas; peixes em conserva e bacalhau; calçados; bebidas; louças e vidros; chapéus; papel; sal; e máquinas. É significativo que os recursos gastos com a importação de máquinas sejam os menores. Em contraste, os maiores estavam reservados para tecidos (inclusive de lã); e para alimentos (carnes, farinha de trigo, peixes em conserva e bacalhau). A crescente despesa com a importação de carvão-de-pedra era forçada pela exigência de iluminação pública (e doméstica) a gás, iluminação instalada e comercializada na cidade do Salvador por companhia inglesa que tinha sede em Londres - e por causa

das estradas de ferro Bahia-São Francisco, Alagoinhas-Prazeres (Entre Rios) Central; Santo Amaro-Bom Jardim; e Nazaré-Santo Antonio de Jesus; e das empresas de transporte urbano, Trilhos Centrais, Veículos Econômicos e Trilhos Urbanos.

Em ordem de importância, os países que mais exportavam (vendiam) para a Província da Bahia, eram: Inglaterra, França, Alemanha, Portugal, Estados Unidos, Uruguai, Bélgica, Áustria, Espanha, Itália, Argentina, África, Holanda, Peru e Chile.

Um quadro de 1873 (10) mostra as posições desses países:

III. 1873. Países que exportavam para a Bahia

Países	Valores
Inglaterra	13.340:290\$ 547
França	1.969:684\$ 271
Alemanha	1.957:040\$ 417
Portugal	1.833:953\$ 681
Estados Unidos	1.254:645\$ 655
Uruguai	825:095\$ 047
Bélgica	387:030\$ 802
Áustria	337:188\$ 560
Espanha	271:269\$ 798
Itália	142:782\$ 475
Argentina	138:757\$ 600
África	109:435\$ 110
Holanda	95:850\$ 300
Peru	50:696\$ 000
Chile	9:497\$ 280

Está claro que a área de maior influência é a Europa, a Inglaterra. Dos países americanos, salientam-se os Estados Unidos, o que se explica pela comercialização do café e do cacau. Mas, em relação ao cacau, essa participação norte-americana data sobretudo de 1860, ano do embarque de 67 toneladas de "cacau fino" para Filadélfia (12).

Os países do Prata (Argentina e Uruguai) aí estão por causa do fornecimento de carne.

Depois de 1860 esvaziou-se o comércio do porto da cidade do Salvador com os portos da África, notadamente Guiné e Daomé, baía de Benin. Fora antes altamente compensador pelo mecanismo de reexportação de manufaturados - os manufaturados de grande prestígio no comércio de escravos.

O que a Província da Bahia tinha para suprir, ela própria, suas necessidades de manufaturados, era praticamente nada. Mas a questão desvia-se dos seus aspectos principais quando descansa na simples listagem das indústrias de transformação existentes na Província da Bahia dos anos trinta para os anos noventa do século passado. No particular, há toda uma literatura admirativa. dos trechos das "Fallas" e dos "Relatórios" dos Presidentes da Província, até o mais importante cronista da "vida econômica-financeira da Bahia" do século XIX, Francisco Marques de Góes Calmon (13). É, todavia, um caminho de enganos inventariar "fábricas" de cigarros, charutos, chapéus, fósforo, sabão, velas etc., como manifestações de industrialização, quando eram realmente oficinas artesanais.

Destaco a situação da indústria têxtil, a primeira indústria em toda industrialização.

Em 1873 há sete (7) fábricas de tecidos, três das quais, Santo Antonio do Queimado, Nossa Senhora da Conceição e Todos os Santos, datavam de antes de 1850. Contudo, a maior delas, Todos os Santos, no município de Valença, construída à margem do rio Una, tinha, em 1875, apenas 176 teares e 4160 fusos; todas as demais possuíam (cada uma delas) pouco mais de 50 teares e de entre mil a dois mil fusos. Eram velhos teares e velhos fusos. Ademais, como observa um jovem Mestre em recente dissertação universitária, a produção dessas fábricas consistia "em tecidos destinados a sacaria e roupas para escravos e trabalhadores" (14). Diga-se logo que consistia na produção do *permitido*. Ou seja: os países industriais fornecedores de manufaturados já haviam excluído de suas pautas os tecidos grosseiros que ficavam para essas fábricas produzirem.

A questão mais grave no capítulo da industrialização é que as iniciativas encontravam dupla repulsa: da economia internacional dominante e da economia da Província, uma economia de exportação de produtos primários, uma economia ainda movimentada pelas relações de trabalho escravo ou semi-escravo. O capitalismo industrial da Europa (Inglaterra, França, Alemanha) e dos Estados Unidos, estimulava no Brasil o progresso da iluminação a gás, das estradas de ferro, dos transportes urbanos, dos engenhos centrais, mas com a participação dos seus capitais, de suas máquinas, dos seus técnicos. Além disso, a própria economia de exportação rejeitava a industrialização com a mesma eficiência de quem sabe impossível o enxerto de pessegueiro em bananeira.

Não é de menor gravidade a questão do crédito, da falta de capitais para investimentos e giro. Há Bancos, como o Banco da Bahia, com o capital declarado de oito mil contos (40 mil ações de 200 mil réis), mas somente com 4 mil contos realizados em 1875 (15). E um quadro que se repete no Banco Mercantil, na Caixa Hipotecária, na Sociedade Comércio, e até mesmo em Banco estrangeiro, o New London and Brazilian Bank.

Ao invés de um capital sadio, a economia de exportação gerava o capital usurário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 Penna, Herculano Ferreira. *Falla recitada na abertura da Assembléia Legislativa da Bahia em 10 de abril de 1860*. Bahia, Typographia de Antonio Olavo da França Guerra, 1860. p. 65.
- 2 Leão, Joaquim Antonio Fernandes. *Relatório com que o Excelentíssimo Senhor Conselheiro... passou a administração da Província da Bahia em 30 de setembro de 1862*. Bahia, Typographia de Antonio Olavo da França Guerra, 1862. 74p. - Albuquerque, Antonio Coelho Sá e. *Relatório com que o Excelentíssimo Snor. Conselheiro... passou interinamente a administração ao Exmo. Senhor Conselheiro Manoel Maria do Amaral, Vice Presidente, em 15 de dezembro de 1863*. Bahia, Typographia de Poggetti, 1864. 92p. - Dantas, Manuel Pinto de Souza. *Relatório apresentado à Assembléia Legislativa Provincial da Bahia pelo Excelentíssimo Presidente da Província o Comendador ... no dia 1º de março de 1866*. Bahia, Typographia de Tourinho, 1866. 107p.
- 3 Machado, Antonio Candido da Cruz. *Falla com que o Exmo. Sr. Comendador... abriu a 1ª sessão da Vigéssima Legislatura da Assembléia Legislativa Provincial da Bahia no dia 1º de março de 1874*. Bahia, Typographia do Correio da Bahia, 1874. p. 128-30.
- 4 Azevedo, Thales de & Lins, E. Quintela. *História do Banco da Bahia*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969. p. 159.
- 5 Machado, op. cit., p. 128.
- 6 Sergimirim, Barão de & Martins, Dyonisio Gonçalves. *Relatório do Imperial Instituto Bahiano de Agricultura*. Bahia, 1871. 29p.
- 7 Ibid., p. 20.
- 8 Bulcão, Antonio de Araújo de Aragão. *Falla com que abriu no dia 1º de maio de 1880 a 1ª sessão da 23ª legislatura da Assembléia Legislativa Provincial da Bahia o Exmo. Sr. ...* Bahia, Typographia do Diário da Bahia, 1880. p. 75.
- 9 Greenhalgh, João Carlos. *Regeneração agrícola do Estado*. Bahia, V. Oliveira, 1892. 50p.
- 10 Vieira, Severino. *Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa na abertura da 1ª sessão ordinária da 7ª legislatura*. Bahia, Diário da Bahia, 1903. p. 60.
- 11 Machado, op. cit., p. 155.
- 12 Seligsohn, Otto E. *Cacau da Bahia: história e problemática*. Salvador, Edições Ipessa; Livraria Econômica, s.d. p. 57.
- 13 Calmon, Francisco Marques de Góes. *Vida econômico-financeira da Bahia: elementos para a história, 1808-1899*. Bahia, Imprensa Oficial do Estado, 1925. 110p.
- 14 Sampaio, José Luis Pamponet. *Evolução de uma empresa no contexto da industrialização brasileira: a Companhia Comércio Industrial do Norte, 1891-1973*. Salvador, 1975. 236f. mimeogr. (Tese de Mestrado em Ciências Sociais, apresentada à Universidade Federal da Bahia)
- 15 Ferreira, Manuel Jesuino. *A Província da Bahia*. Rio de Janeiro, Typographia Nacional, 1875. 130p.

SUMMARY

The analysis in point clearly shows that the economy of the Province of Bahia in the second half of the last century could not be distinguished from the country's economy, thus being limited to an economy of exportation of primary products, namely one of dependent features.

This study presents a number of statistical charts, minutely examined by the author, who ends up by raising a series of observations concerning the crisis of 1873 and its motivating factors.

Also, a commentary is given on the exportation of the cacao of Bahia, together with demonstrative list of the countries exporting to Bahia. Finally, the author's conclusions are presented offering a picture of the economic situation of Bahia at the time, which was of great interest for Social-economic scene of the Province.

RÉSUMÉ

L'analyse en question met en évidence le fait que l'économie de la Province de Bahia n'était pas différente de l'économie nationale au cours de la seconde moitié du siècle dernier, se limitant ainsi à une économie d'exportation de matières premières, de caractère dépendant.

L'étude présente des tableaux statistiques qui sont minutieusement examinés par l'auteur; ce qui lui permet de faire des considérations sur la crise de 1873 et sur ses causes.

Suit un commentaire sur l'exportation du cacao de Bahia et sur les pays qui exportaient vers Bahia. Enfin, les conclusions auxquelles l'auteur est parvenu offrent un portrait de la situation économique de Bahia à cette époque et précisent le tableau socio-économique de notre Province.